

ADQUIRINDO O ACENTO DO INGLÊS

Amanda Post da Silveira

RESUMO[©]

Pesquisas sobre aquisição do Inglês por falantes nativos do português evidenciam as estratégias de reparo aplicadas pelos aprendizes até que a gramática alvo seja adquirida. Este trabalho, tendo por base os dados de doze sujeitos, aprendizes de Inglês como língua estrangeira, alunos do curso de Letras da UFSM, busca analisar a aquisição do acento do Inglês em palavras que recebem o acento em sílaba final – molde iâmbico, conforme Hammond (1999). Os resultados parciais evidenciam que as formas corretas produzidas pelos aprendizes resultam da militância da gramática do português que considera o peso silábico na atribuição do acento e da frequência lexical de algumas palavras do Inglês.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição de língua estrangeira, acento, Teoria da Otimidade Conexionista

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultante do projeto de pesquisa em andamento sobre a aquisição do acento primário do Inglês por falantes nativos de Português. Tem como corpus os dados provenientes das leituras de palavras da língua inglesa, tanto isoladas quanto contextualizadas, realizadas por doze sujeitos graduandos do curso de Letras – habilitação língua inglesa e literaturas, cursando variados semestres e que estão em processo de aquisição da língua inglesa como língua estrangeira. A faixa etária dos colaboradores está entre 17 e 24 anos. A análise desses dados tem como pressuposto teórico a Teoria da Otimidade Conexionista.

Buscou-se analisar neste trabalho se a produção de certos padrões acentuais da língua inglesa é resultante do ranqueamento da hierarquia dessa língua estrangeira ou se ocorrem pela interferência da hierarquia da língua materna desses aprendizes. O padrão selecionado para esta análise foi o de molde iâmbico, ou seja, acento que recai sobre a última sílaba das palavras, de acordo com Hammond (1999).

A realização desse trabalho deve-se ao fato de: (i) haver poucos trabalhos sobre a aquisição do acento primário do Inglês por falantes nativos do português; (ii) haver poucas pesquisas que utilizam a Teoria da Otimidade Conexionista na análise dos dados de aquisição

do Inglês como L2 e (iii) ser possível investigar se, conforme Bonilha e Vinhas (2006) propõem, algumas produções realizadas pelos aprendizes, ainda que corretas, não estão relacionadas à militância da gramática da L2, mas ao papel da gramática da língua materna. Essas formas, portanto, estariam apenas aparentemente adquiridas.

1 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os dados de doze sujeitos transversais, todos aprendizes de língua inglesa como língua estrangeira e alunos do curso de graduação em Letras – hab. Inglês, cursando semestres variados conforme o quadro 1 (Anexo 1)

A faixa etária dos sujeitos encontra-se entre 17 e 24 anos. Outro ponto importante na seleção dos sujeitos é o de que não poderiam ser filhos de pais bilíngües nem ter adquirido outra língua estrangeira, devido ao fato de poder haver interferência dessa outra língua sobre a L2 em questão.

Foram realizadas duas coletas de dados – sendo que a segunda ocorreu após instrução explícita e não será considerada na análise dos dados do presente trabalho -, que consistiram na realização da leitura de palavras isoladas e contextualizadas em frases da língua inglesa.

O instrumento de coleta é composto por palavras sufixadas e não-sufixadas com padrões oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, e frases contendo as palavras, dispostas em cartões, que contém, no total, 376 itens - 138 frases e 138 palavras -, como pode ser observado em (1) e (2):

(1)

| | | | |
|----------------|--------------|------------|-----------|
| loyalty | approve | threaten | rebellion |
| | | belong | |
| kitchenette | championship | below | kingdom |
| | | vegetarian | |
| present (noun) | number | comic | involve |
| | nurture | | |

(2)

| | | |
|-------------------|-------------------|---------------|
| We proclaim this. | It's a present. | It does |
| | frighten! | It's a baker. |
| It's needless. | It's a biography. | It's helpful. |

| | | |
|-------------------|------------------|----------------------|
| Let's erase it. | | |
| It's a labyrinth. | He is a suspect. | They establish that. |

| /input/ | R3 | R2 | R4 | R5 |
|---------|----|----|----|----|
| A | *! | | | |
| B | | *! | | |
| C | | | *! | |
| ☞ D | | | | * |

As leituras foram gravadas em aparelho digital, constituindo 12 coletas com duração média de 12 minutos cada. Logo após, foram realizadas as transcrições fonéticas, feitas com base no Alfabeto Fonético Internacional.

As palavras, constantes no instrumento de coleta e analisadas no presente trabalho, são não-sufixadas - como *detest* /dɪ'test/ e *erase* /l'reis/ - e sufixadas, com o acento recaindo sobre o próprio sufixo - como em *technique* /tek'ni:k/ e *saloon* /sə'lun/. Tais palavras apresentam sílabas pesadas, atraindo o posicionamento do acento, pois o inglês, assim como o português, é uma língua sensível ao peso silábico.

2 Pressupostos teóricos: teoria da otimidade

A Teoria da Otimidade (TO) é uma teoria de análise lingüística que articula a Fonologia, Fonética, Morfologia, Sintaxe e a Semântica, assim como a Psicolingüística e a Inteligência Artificial (BONILHA, 2003, p. 15). A TO clássica - gerativista/conexionista -, proposta por Prince & Smolensky (1993), assume que o sistema lingüístico é disposto em uma hierarquia de restrições. Dessa forma, o processamento da linguagem se dá em paralelo, pois todas as unidades gramaticais - expressas em forma de restrições - são consideradas ao mesmo tempo. Assim, as produções fonológicas e fonéticas são tidas como o resultado do ranqueamento de restrições. Visto que a gramática de cada língua possui uma forma de ranqueamento diferente da outra, é justamente este ranqueamento que, constituindo hierarquias de restrições, determina as diferenças entre as línguas do mundo.

A gramática, então, para a Teoria da Otimidade, consiste em um conjunto de restrições ranqueadas em uma determinada hierarquia. Assim sendo, do ponto de vista analítico, a comparação é a ação primária da TO - comparar outputs competidores com base em uma hierarquia de restrições. O candidato escolhido como ótimo será aquele que melhor satisfizer as restrições que estejam ranqueadas mais acima na hierarquia, e que tenham sido violadas por outros candidatos a outputs competidores. Esse mecanismo de análise da TO é disposto no quadro chamado de *tableau*. Em (3), está um exemplo de *tableau* e a simbologia utilizada:

(3)

- *Input*: parte superior do tableau, no canto esquerdo.

- Restrições: dispostas na mesma linha do *input*, com relação de dominância da esquerda para a direita.

- Candidatos a *outputs*: enumerados na vertical abaixo do *input*.

- (*): corresponde às violações

- (!) violação fatal: proíbe o candidato de continuar sendo avaliado.

- O símbolo ☞: assinala o candidato ótimo.

- Linhas contínuas separando as restrições: expressa que entre elas existe uma relação de dominância.

- Linhas pontilhadas separando as restrições: expressa a ausência de domínio entre determinadas restrições.

- Sombreamento das células: indica que estas não exercem papel na análise dos dados.

No *tableau* em (3), o candidato hipotético *d* é escolhido como output ótimo, pois viola a restrição R5, ranqueada mais abaixo na hierarquia. Os demais candidatos são considerados perdedores, pois violam restrições ranqueadas mais acima na hierarquia. Pelo *tableau*, é possível visualizar porque uma língua escolhe uma determinada forma lingüística como output e não outra.

Enfim, o uso da Teoria da Otimidade na análise dos dados desta pesquisa permite, através da diferença de ranqueamento, estabelecer a especificidade de cada língua e comparar a gramática do português e a gramática do inglês. De acordo com a TO, a aquisição de uma língua estrangeira consiste no reordenamento de restrições militantes na hierarquia da língua materna (LM) e na aquisição de restrições que atuam apenas na hierarquia da língua estrangeira, conforme propõem Vinhas, Mesquita e Bonilha (2004).

3 O padrão acentual no português e no inglês

Segundo Collischonn (2005, p.143-45), seguindo Bisol (1992), em português, o acento primário recai apenas nas três últimas sílabas da palavra, resultando nos padrões oxítono, paroxítono e proparoxítono.

As palavras do português são, em maioria, acentuadas na penúltima sílaba e apresentam o molde trocaico¹ na formação dos

pés. Já o grupo das proparoxítonas é o menor, sendo, geralmente, empréstimos do latim e do grego. O que evidencia o caráter não-nativo destas palavras é o fato de que há uma tendência a regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba - abóbora - [a' b bra]. O acento proparoxítono é marcado porque é menos usual, contrário à tendência de acentuar a penúltima sílaba.

O grupo das oxítonas, porém, é bem maior do que o das proparoxítonas. Pode ser dividido em dois grandes grupos: o das palavras que têm consoante final - sem considerar o /s/ quando morfema plural ou número pessoal - e o das que terminam em vogal. O grupo de palavras oxítonas que apresentam consoante final é considerado não marcado, pois o português é uma língua sensível ao peso silábico, ou seja, quando a última sílaba for pesada, o acento cai preferencialmente sobre ela.

O acento primário do inglês, conforme Jensen (1993, p.93), apresenta as seguintes características que em muito se assemelham ao padrão acentual do português: (i) constituição de pés maximamente binários da direita para a esquerda e (ii) sensibilidade ao peso silábico no pé mais à direita.

Sobre a atribuição do acento na última sílaba, de acordo com Hayes (1982), ele ocorre se a sílaba final de um substantivo apresentar uma vogal longa. Já Liberman & Prince apud Jensen (1993, p. 99), identificam vários outros ambientes nos quais o pé direito é denominado forte no padrão acentual do inglês, como no caso das palavras sufixadas, onde o próprio sufixo recebe o acento. A maioria desses sufixos é de origem francesa, cuja língua tem a tônica final como padrão². Exemplos desses sufixos que foram utilizados no instrumento de coleta são: -oon, -ique, -ette, -aire, -esque, -euse.

Então, tanto o inglês quanto o português têm como padrão acentual a atribuição do acento na segunda sílaba - molde trocaico, e são sensíveis ao peso silábico em sílaba final. Diferenciam-se, porém, quanto às regras de atribuição do acento em sílaba final de palavra. No Inglês, Verbos e adjetivos não-sufixados recebem o acento na última sílaba se esta for pesada - constituída por uma vogal longa ou por mais de duas consoantes em coda; já nos substantivos, o acento recai na penúltima sílaba se esta for pesada, caso contrário, o acento recai na sílaba mais à esquerda.

4 Descrição e resultados

Tendo em vista os padrões acentuais do português e do inglês, buscou-se investigar a

possibilidade de padrões produzidos conforme a língua alvo estarem relacionados a ranqueamentos similares entre as duas línguas e a ranqueamentos que, apesar de diferentes, respondam pelos mesmos outputs. De acordo com Bonilha e Vinhas (2006), aprendizes de inglês como L2 podem apresentar a produção correta de verbos e adjetivos não-sufixados simplesmente por considerarem a atribuição do peso silábico, ainda que esse seja atribuído de forma distinta da gramática do português.

Em relação aos dados considerados para o presente trabalho, pode-se observar que os percentuais de acertos foram muito próximos em semestres distintos, o que denota que o padrão acentual produzido reflete a hierarquia de restrições do português, que acaba sendo o responsável pelos índices de produção correta. Se as produções expressassem a construção gradual da hierarquia da L2, esperar-se-ia que houvesse também um aumento significativo dos percentuais de produções corretas entre os sujeitos do IV e VIII semestres, por exemplo.

| Semestres | Possibilidades | Ocorrências | % |
|-----------|----------------|-------------|-------|
| IV | 171 | 119 | 69,59 |
| VI | 166 | 119 | 71,68 |
| VIII | 165 | 119 | 72,12 |

Quadro 1 – Percentual de realização correta por semestre

Os altos índices de produção correta para o padrão acentual de molde iâmbico, observado nesta pesquisa, corroboram a proposta de Bisol (1992) de que o português é sensível ao peso silábico³.

Pode-se observar, também, que a maior parte das produções realizadas inadequadamente está relacionada a dois padrões: palavras sufixadas em que o sufixo recebe o acento (59,25%) e palavras que podem ser realizadas como verbos ou substantivos, sendo diferenciadas somente pela posição do acento (20%).

Quanto às produções em desacordo com a forma alvo, observou-se a incidência do padrão trocaico tal como em *antique* [an'tɪki] e [ˈæntɪk]. Na primeira palavra, há o uso da epêntese para a produção do padrão acentual trocaico - *standart* em português.

Para palavras contendo um maior número de sílabas, o padrão proparoxítono, ao invés do oxítono esperado, foi bastante incidente, como nas palavras *visionaire* [ˈviʒənər]; *questionnaire* [ˈkwɛstɪənər]. Vale, também, observar que os erros nas produções do padrão iâmbico aconteceram, principalmente, em palavras sufixadas cujo acento recai no sufixo e que não eram usuais aos sujeitos, como *picturesque* [ˌpɪktɪəˈresk] e *masseuse*. [mæˈsɜːz], o que

denota o papel da frequência lexical na aquisição da L2.

Em função dos altos índices de realização correta em semestres distintos, podemos deduzir, portanto, que o nível do semestre não corresponde necessariamente ao nível de desenvolvimento fonológico, o que denota que há grande possibilidade de os aprendizes estarem se utilizando de padrões da língua materna para suas produções na língua estrangeira. (Anexo 2)

Os dados encontrados neste trabalho corroboram, portanto, a proposta de Bonilha e Vinhas (2006), em que a hierarquia do padrão acentual do português é responsável por fazer emergir os alvos verbais do inglês, como podemos observar nos *tableaux* propostos pelas autoras em (4) e (5)⁴

(4)

| /bonito/ | FtBin | Trochaic | Align (Foot, R, Word, R) |
|----------|-------|----------|--------------------------------|
| bo(níto) | | | |
| (bó)nito | | | *! |

(5)

| /k θráuz/ | FtBin | Trochaic | Align (Foot, R, Word, R) | WSP |
|--------------|-------|----------|-----------------------------|-----|
| k θ(ráuz) | | | | |
| (k θ)ráuz | *! | | | * |

A hierarquia FtBin, Trochaic >> Align (Foot, R, Word, R) >> WSP disposta em (4) e (5) permite a realização do acento padrão dos verbos do Inglês corretamente e dos adjetivos não-sufixados, assim como permite a realização do padrão acentual não-marcado do português. Justificam-se, dessa forma, os altos percentuais de realização correta dos aprendizes.

CONCLUSÃO

Devido às semelhanças entre a hierarquia do inglês e a do português quanto à atribuição do acento primário, os outputs relativos ao padrão acentual do inglês produzidos pelos sujeitos desta pesquisa apresentam altos índices de produções corretas em todas as coletas – em torno de 70%. Esse percentual, somado a proximidade dos percentuais de produções corretas nos variados semestres, expressa que os resultados refletem a hierarquia de restrições da língua materna, que pode estar sustentando algumas produções corretas da L2.

Observando-se as produções das palavras sufixadas, em que o sufixo recebe o acento, que apresentaram a menor porcentagem

de acertos, tal parece ter ocorrido, principalmente em palavras com menor ocorrência na L2. Em tais casos, os sujeitos utilizaram-se de estratégias de reparo, tal como a epêntese do [j] em sílaba final, produzindo, na maior parte das vezes, o padrão acentual trocaico - padrão acentual da L1.

Os dados observados neste trabalho parecem indicar, então, que, apesar de algumas formas terem sido produzidas corretamente, isso não significa que a gramática da L2 já tenha sido adquirida. Faz-se necessária, portanto, a instrução explícita em relação ao acento primário do inglês para que seja de fato adquirido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. *O acento e o pé métrico binário*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 22, p. 69-80. Campinas: UNICAMP, 1992.

BONILHA, Giovana F. G. *Aquisição fonológica do português: uma abordagem conexional da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado em Letras), Porto Alegre: PUCRS, 2004.

BONILHA, Giovana; VINHAS, Luciana. *Aquisição do acento primário do Inglês*.

Trabalho apresentado no IV FILE. Pelotas: UCPel, 2006.

COLLICHONN, Gisela. *O acento em português*. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HAMMOND, Michael. *The Phonology of English*. New York: Oxford University Press, 1999.

JENSEN, John. *English phonology*. Amstersam: John Benjamins Publishing Company, 1993.

PRINCE, Alan, SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory - Constraint Interaction in Generative Grammar*. *RuCCs Technical Report 2*, 1993.

VINHAS, Luciana; MESQUITA, Michel; BONILHA, Giovana. *A aquisição de estruturas silábicas complexas por aprendizes de inglês como língua estrangeira*. Trabalho apresentado na XV Semana de Letras. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Jun, 2004.

NOTAS

⁴ Trabalho resultante da participação no projeto de pesquisa intitulado "Aquisição do acento do Inglês como L2". Foi realizado pela acadêmica Amanda Post da Silveira, estudante de graduação do 6º semestre dos cursos de Letras – hab. Inglês e Letras - hab.

Português, e bolsista PIBIC/CNPq do referido projeto, sob a orientação da Prof^a Dr. Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha.

¹ Forma pés dissilábicos com proeminência inicial que conta sílabas ignorando sua estrutura interna, (Collischonn, 2005, p. 137).

² Molde iâmbico: forma pés dissilábicos com proeminência final, o elemento mais forte fica à direita, (Collischonn, 2005, p. 137).

³ Há divergências a esse respeito na literatura.

⁴ FtBin: Pés são binários em algum nível de análise, silábico ou moraico.

WSP: Sílabas pesadas são acentuadas

Trochaic: o pé possui o cabeça à esquerda.

Non-finality: a sílaba final ou mora não é escandida em pés.

Align (Foot, R, Word, R): pés são mapeados da direita para a esquerda.

ANEXO 1

| IV Semestre | | | | | VI Semestre | | | | VIII Semestre | | | |
|-------------|----|----|----|----|-------------|----|----|----|---------------|-----|-----|--|
| S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 | S8 | S9 | S10 | S11 | S12 | |

Quadro 1 – Distribuição dos sujeitos por semestres

ANEXO 2

| | S1 | S2 | S3 | S4 | S5 | S6 | S7 | S8 | S9 | S10 | S11 | S12 |
|----------------|-------------|----|-------|-------|-------------|-------|-------|-------|---------------|-------|-------|-----|
| | IV Semestre | | | | VI Semestre | | | | VIII Semestre | | | |
| Possibilidades | 42 | 43 | 41 | 45 | 42 | 41 | 41 | 42 | 42 | 41 | 42 | 40 |
| Ocorrências | 29 | 31 | 33 | 26 | 31 | 33 | 25 | 30 | 28 | 33 | 24 | 34 |
| Percentual | 69 | 72 | 80,48 | 57,77 | 73,80 | 80,48 | 60,97 | 71,43 | 66,66 | 80,49 | 57,14 | 85 |

Quadro 2 – Percentual de realização correta por sujeito